

CAROLINA CAVALCANTI GONÇALVES FERREIRA
ANDERSON FELIPE CAVALCANTI AMORIM
JOÃO VITOR SÓSTENES PETER

**ÉTICA E PROFISSIONALISMO NAS REDES SOCIAIS: RELAÇÕES
ENTRE COMPORTAMENTOS ON-LINE DE ESTUDANTES DE
MEDICINA E A EDUCAÇÃO MÉDICA**

Artigo resultante do Programa de Iniciação
Científica da Faculdade Pernambucana de Saúde

Orientadora: Ms. Suélem Barros de Lorena

Co-orientador: Dr. Edvaldo da Silva Souza

RECIFE- PE
2016

ÉTICA E PROFISSIONALISMO NAS REDES SOCIAIS: RELAÇÕES ENTRE COMPORTAMENTOS ON-LINE DE ESTUDANTES DE MEDICINA E A EDUCAÇÃO MÉDICA

¹Carolina Cavalcanti Gonçalves Ferreira, ²João Vitor Sóstenes Peter, ³Anderson Felipe Cavalcante Amorim ⁴Suélem Barros de Lorena ⁵Edvaldo da Silva Souza

^{1,3}Estudantes de Medicina da Faculdade Pernambucana de Saúde ²Estudante de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco, ^{4,5}Docentes da Faculdade Pernambucana de Saúde

RESUMO

Introdução: Novo tipo de relação entre médicos e pacientes vem surgindo após a expansão e abrangência das redes sociais. Assim, torna-se necessário rever a formação de estudantes de medicina e avaliar os benefícios e riscos da utilização dessas redes, no intuito de preservar a confiança e cumplicidade na relação médico-paciente. **Objetivos:** Conhecer o comportamento on-line de estudantes de medicina, bem como suas opiniões quanto às redes sociais, além de estabelecer relação desses aspectos com a formação acadêmica em ética e profissionalismo. **Materiais e Métodos:** Estudo de corte transversal realizado em três escolas médicas diferentes em Recife-Pernambuco (Universidade Federal de Pernambuco, Universidade de Pernambuco e Faculdade Pernambucana de Saúde). O estudo foi realizado no período de agosto de 2015 até julho de 2016. Um questionário autoaplicável elaborado pelos pesquisadores foi respondido por 260 estudantes de medicina dos dois últimos anos do curso (internato). Logo após, os planos de ensino de cada instituição foram analisados. O projeto foi submetido à apreciação ética com aprovação sob número de CAAE: 47916515.0.0000.5569. **Resultados:** Dentre os estudantes 41,5%(108) afirmaram ter postado fotos/vídeos portando bebidas alcoólicas ou cigarro e 32,3%(84) postaram fotos ou vídeos com pacientes em rede social. Houve diferença estatisticamente significativa ($p < 0,001$) entre as instituições quanto à postagem de fotos com pacientes, de forma que na instituição 3, onde maior quantidade de estudantes relatou abordagem de questões sobre profissionalismo on-line na formação acadêmica (26,2%/22), ocorreu menor percentual de postagem (14,3%/12). Dentre os pesquisados, 79%(205) concordaram que certos conteúdos do perfil pessoal do Facebook do médico podem difamar a reputação do mesmo. Em relação à abordagem de questões sobre profissionalismo no âmbito on-line na educação médica, 80,8% disseram que não tiveram essa abordagem. Na análise dos planos de ensino, apenas a instituição 3 apresentou um eixo curricular de desenvolvimento profissional e abordagem teórica sobre conceitos de ética durante o internato. **Conclusão** Percentual significativo de estudantes pesquisados tem comportamentos contrários ao preconizado pelo Código de Ética Médica, resoluções do Conselho Federal de Medicina e Guidelines estrangeiros. Existe relação entre educação médica em profissionalismo e ética e as ações de estudantes de medicina na rede social. Além disso, observa-se escassez da abordagem de profissionalismo no âmbito on-line nas escolas médicas pesquisadas.

Palavras-chave: Ética Médica; Profissionalismo; Rede social; Educação Médica

Pesquisador Principal: Suélem Barros de Lorena

Endereço: R. Jean Emile Favre, 422 - Imbiribeira, Recife - PE, 51200-060

E-mail: suelem.barros@fps.edu.br

I. INTRODUÇÃO

Médicos e pacientes utilizam as redes sociais por serem instrumentos facilitadores da comunicação interpessoal. São exemplos de redes sociais o *Facebook*, o *Twitter* e *YouTube*. Fundado em 2004, o Facebook é uma ferramenta social on-line que permite que as pessoas estejam conectadas a amigos e familiares e que compartilhem informações. Através dessa rede social, as pessoas podem curtir páginas de seu interesse, publicar fotos, vídeos e fazer comentários. Há mais de 890 milhões de usuários ativos por dia, de forma a atestar a grande popularidade do Facebook no mundo.¹

No Facebook e em outras redes sociais, além de ser possível encontrar informações profissionais, são também encontrados dados pessoais do médico.² Diante da possibilidade do acesso de pacientes e médicos a perfis nas redes sociais podem surgir mudanças na relação entre eles, a depender dos dados postados. Exemplo disso é que a literatura sugere que características do médico, como a obesidade, podem interferir na confiança que os pacientes têm nos seus médicos.³ Além disso, alguns problemas podem surgir quando, por exemplo, há a quebra do sigilo médico por meio das redes sociais através da postagem de fotos ou comentários que exponham a doença e a vida pessoal de pacientes.⁴

Assim, algumas ações e comportamentos on-line nas redes sociais levam ao surgimento de impasses éticos e de profissionalismo. Sabe-se que na área médica, o profissionalismo e competência dos profissionais são fundamentais, visto que grande responsabilidade é atribuída a essa categoria profissional pela sociedade.⁵ Apesar de ainda não existir consenso sobre o conceito de “Profissionalismo”, a muitas das publicações na literatura concordam que o profissionalismo trata-se da necessidade de se precaver e de ter cautela em relação ao comportamento dentro do contexto em que se encontra, a fim de respeitar e cumprir determinadas regras. Dessa forma, o conceito de profissionalismo está intimamente relacionado com a ética.^{6,7}

Diante do surgimento de um novo tipo de relação médico-paciente, após expansão e abrangência das redes sociais, surgiu a necessidade do esclarecimento de como o médico deve agir nessas redes, para manter o profissionalismo e a ética. Assim, o Conselho Federal de Medicina brasileiro (CFM) publicou, além do Código de Ética Médica, resoluções de orientação para os profissionais.⁵ A Resolução 1.974/2011 do CFM inclui alguns critérios para participação de médicos nas redes sociais.⁸ Pode-se evidenciar, também, a Resolução do CFM nº 2.126/2015, que expõe ser vedado ao médico a publicação nas mídias sociais de autorretrato (*selfie*), imagens ou áudios que caracterizem sensacionalismo, concorrência desleal ou autopromoção.⁹ Posteriormente o CFM publicou ainda, a Resolução 2.133/2015 que alterou o Anexo I da Resolução CFM nº 1.974/2011, a qual aborda critérios para a relação dos médicos com a imprensa (programas de TV e rádio, jornais, revistas), no uso das redes sociais e na participação em eventos.¹⁰

Em estados da América do Norte e países como Austrália e Reino Unido foram publicados Guidelines e manuais específicos de uso das redes sociais, para fornecer orientação

de comportamento e conduta de médicos e estudantes de medicina, já que esses últimos devem estar preparados diante dos desafios da prática médica futura.¹¹

Foram reportados dados na literatura de comportamentos que divergem do previsto por códigos de ética, Guidelines e orientações de comportamento em redes sociais entre estudantes de medicina de alguns países e estudantes brasileiros.^{12,13,14,15} A partir desses dados, surge o questionamento: quais fatores podem influenciar o comportamento inadequado de estudantes em redes sociais? Quais as influências da educação médica nesses comportamentos?

Um estudo da Faculdade de Medicina em São José do Rio Preto-São Paulo, já esclareceu parte desses questionamentos. Em 2014 através de um estudo com participação de 271 estudantes, foi constatado que quanto menor o ano do estudante na graduação, mais respostas eram contrárias ao preconizado pelo Código de Ética Médica (CEM) quanto à postagem de fotos de pacientes e/ou casos clínicos identificáveis.¹⁶ Nesse sentido, já há algumas evidências de que o estágio do curso no qual o estudante se encontra pode influenciar suas ações de postagem, já que os conteúdos de ética e profissionalismo vão sendo abordados durante o decorrer do curso de graduação.

Entretanto, ainda não estão bem estabelecidos o impacto e a necessidade da interferência da educação médica em profissionalismo nas ações e opiniões on-line de estudantes de medicina brasileiros, embora já haja estudos estrangeiros que abordam essas questões.^{17,18,19,20,21} Os perfis de ações e opiniões de estudantes de medicina brasileiros nas redes sociais também ainda não são suficientemente conhecidos, diante da escassez de estudos sobre essas questões.

Dessa forma o presente estudo se propõe a conhecer ações e opiniões de estudantes de medicina relacionadas à ética e profissionalismo on-line e perceber quais as influências da educação médica no comportamento e nas opiniões dentro das redes sociais.

II. MÉTODO

Estudo de corte transversal, realizado em Recife-Pernambuco-Brasil durante os últimos seis meses do ano de 2015 até julho de 2016. No presente estudo, 260 estudantes de medicina de três escolas médicas diferentes (Universidade Federal de Pernambuco, Universidade de Pernambuco e Faculdade Pernambucana de Saúde), que cursavam o internato (dois últimos anos do curso de medicina) receberam, de forma presencial em seus hospitais de ensino, um questionário autoaplicável elaborado pelos pesquisadores. Além disso, foram analisados os Planos de Ensino, das três instituições quanto à inserção da ética e profissionalismo na formação acadêmica, para relacionar as ações e opiniões com a educação médica.

Na análise do plano de ensino das instituições foram considerados, na abordagem de ética e de profissionalismo: estruturas curriculares, metodologia do processo de ensino e aprendizagem e quantidade de horas destinadas a esses temas.

A amostra foi obtida da população de estudantes de medicina dos dois últimos anos do curso de graduação pelo método probabilístico estratificado, de forma que 86 estudantes eram da instituição I, 90 estudantes da instituição II e 84 estudantes da instituição III,

Pesquisador Principal: Suélem Barros de Lorena

Endereço: R. Jean Emile Favre, 422 - Imbiribeira, Recife - PE, 51200-060

E-mail: suelem.barros@fps.edu.br

totalizando 260 estudantes pesquisados. Foram excluídos os estudantes que não tinham conta na rede social Facebook.

Os estudantes participantes responderam questões fechadas sobre privacidade no Facebook, questões sobre comportamentos nessa rede social, além de questionamentos sobre a formação acadêmica em profissionalismo on-line. Outra parte do questionário era do tipo *Likert* com 5 opções de respostas para as sentenças (discordo totalmente, discordo, sem opinião, concordo e concordo totalmente).

Os resultados do questionário foram analisados descritivamente através de distribuições absolutas e percentuais para as variáveis categóricas. Para a variável idade foram calculadas medidas de tendência central e dispersão. Foram comparadas as respostas dos estudantes das três escolas médicas pesquisadas através dos testes estatísticos: *Qui-quadrado* de *Pearson* ou o teste Exato de *Fisher* no caso em que a condição para a aplicação do teste *Qui-quadrado* não foi verificada (no caso das variáveis discretas). O teste de *McNemar* também foi aplicado para comparação de respostas de estudantes da mesma instituição para perguntas diferentes, diante da impossibilidade da aplicação do *Qui-quadrado*. Para o questionário de *Likert* foi calculado o Ranking-médio das respostas dos participantes. No cálculo do Ranking-médio foram considerados os pontos de 1 a 5 para as opções de respostas e calculada a média de resposta para cada questão. Além disso, foi calculado o valor do alpha de Cronbach do questionário de *Likert*, de forma a avaliar sua validade interna. Para a comparação das respostas do questionário tipo *Likert* segundo as instituições de ensino pesquisadas foi utilizado o teste de *Kruskal-Wallis*.

A margem de erro utilizada nas decisões dos testes estatísticos foi de 5%. Os dados foram digitados na planilha Excel versão 2013 e o programa estatístico utilizado para obtenção dos cálculos estatísticos foi o SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) na versão 21.

O projeto de pesquisa foi analisado e aprovado por Comitê de Ética em Pesquisa, sob o número de CAAE: 47916515.0.0000.5569 e Número do Comprovante: 075524/2015. Além disso, a pesquisa obteve apoio financeiro do Programa de Iniciação Científica da Faculdade Pernambucana de Saúde, instituição de ensino em Recife. Não há conflitos de interesse.

III. RESULTADOS

A idade dos estudantes pesquisados variou de 20 a 36 anos, teve média de 24,8 anos (desvio padrão de 2,5 anos). Ao dividir os pesquisados por faixa etária, 32,3% (84 estudantes) tinham entre 20 e 23 anos; 37,3% (97 estudantes) tinham de 24 a 25 anos e 30,4% (79 estudantes) tinham entre 26 a 36 anos. Em relação ao gênero 40,8% (106) eram homens e 59,2% (154) eram mulheres. Na divisão dos pesquisados por Instituição de Ensino 33,1% (86) faziam parte da Instituição 1, 34,6% (90) eram da Instituição 2 e 32,3% (84) faziam parte da Instituição 3. Dentre os estudantes 48,8% (127) cursavam o primeiro ano do internato e 51,2% (133) cursavam o segundo ano do internato.

Pesquisador Principal: Suélem Barros de Lorena
Endereço: R. Jean Emile Favre, 422 - Imbiribeira, Recife - PE, 51200-060
E-mail: suelem.barros@fps.edu.br

Quanto à resposta dos estudantes sobre a primeira parte do questionário utilizado, a Tabela 1 (em anexo) apresenta as respostas segundo a instituição de ensino e para o grupo total pesquisado. Ao total 95,8%(249) dos estudantes pesquisados relataram ter configurações de privacidade ativadas no perfil do Facebook, sem diferença estatisticamente significativa entre as instituições pesquisadas.

Sobre a postagem de fotos ou vídeos no consumo de bebidas alcoólicas ou cigarro 41,5% (108) relataram essa ação em rede social, também sem diferença estatisticamente significativa entre as respostas dos estudantes das três instituições. A postagem de fotos ou vídeos com pacientes ocorreu em 32,3% (84 participantes) do grupo total com diferença estatisticamente significativa entre as instituições pesquisadas ($p < 0,001$). Na instituição de ensino 1 postaram fotos ou vídeos com pacientes 43% (37) dos estudantes dessa escola médica. Esse número foi de 35 para a instituição 2 com um valor relativo um pouco menor em comparação com a instituição 1 (38,9%). Já na instituição de ensino 3 do total de estudantes participantes 12 postaram fotos ou vídeos com pacientes (14,3%).

Ao serem questionados sobre abordagem de questões de profissionalismo on-line durante o curso de graduação em medicina, através de aula ou tutoria, 19,2% (50) do total dos estudantes responderam afirmativamente, o que significa que 80,8% dos participantes negaram essa abordagem durante a graduação. Não houve diferença estatisticamente significativa entre as instituições pesquisadas, entretanto a instituição 3 foi a que obteve maior número absoluto e relativo de estudantes que respondeu afirmativamente à essa abordagem (26,2% ou 22 estudantes). Na Instituição de ensino 1 e 2 os valores foram de 18,6% (16) e 13,3% (12), respectivamente.

As respostas do questionário tipo *Likert* obtiveram Ranking-médio, quanto ao total de estudantes pesquisados, entre 1,2 e 4,2 para a primeira sentença “Os médicos não devem ter uma conta no Facebook” e para a última sentença “A postagem de conteúdos informativos referentes à saúde no perfil do Facebook pode incentivar o paciente a ter hábitos saudáveis e/ou aderência a boas práticas” respectivamente. A segunda sentença do questionário tipo *Likert* foi “Os médicos deveriam permitir acesso ao seu perfil apenas para amigos” e obteve Ranking-médio de 2,8. A terceira sentença foi “A relação médico-paciente muda se o paciente descobrir que seu médico tem uma conta no Facebook” e obteve Ranking-médio de 2,3. A quarta sentença: “Apenas o acesso às informações pessoais do médico pelos pacientes muda a relação entre eles” obteve Ranking-médio de 2,6. A quinta sentença: “Apenas o acesso a fotos pessoais do médico pelos pacientes muda a relação entre eles” obteve Ranking-médio de 2,5. A sexta sentença: “Os médicos deveriam ter um perfil pessoal e outro perfil profissional no Facebook” obteve Ranking-médio de 2,2. A sétima sentença: “Os médicos devem atualizar regularmente suas configurações de privacidade” obteve Ranking-médio de 3,1 e por fim, a penúltima e oitava sentença: “Certos conteúdos do perfil pessoal do Facebook do médico podem difamar a reputação do mesmo” obteve Ranking-médio de 3,8. A Tabela 2 (em anexo) apresenta as respostas dos estudantes através do Ranking-médio para as assertivas do questionário tipo *Likert*.

Na comparação entre as respostas das três Instituições de ensino quanto ao questionário tipo *Likert* foi observada diferença estatisticamente significativa para a nona sentença: “A postagem de conteúdos informativos referentes à saúde no perfil do Facebook pode

Pesquisador Principal: Suélem Barros de Lorena

Endereço: R. Jean Emile Favre, 422 - Imbiribeira, Recife - PE, 51200-060

E-mail: suelem.barros@fps.edu.br

incentivar o paciente a ter hábitos saudáveis e/ou aderência a boas práticas” com $p=0,003$. Para a Instituição de ensino 3 nenhum estudante discorda dessa sentença. Ao total, 89,6% (233) concordam parcialmente ou totalmente com essa sentença.

Do total de estudantes, 34,6% (90) concordam parcialmente ou totalmente que os médicos deveriam permitir acesso ao seu perfil do Facebook apenas para amigos. Percentual de 13,1% (34) concorda parcialmente ou totalmente que os médicos deveriam ter um perfil pessoal e outro perfil profissional no Facebook. Quanto à atualização regular de configurações de privacidade na rede social 43,1% (112) concordam parcialmente ou totalmente com essa prática. Em relação à sentença “Certos conteúdos do perfil pessoal do Facebook do médico podem difamar a reputação do mesmo” 79,2% (206) dos estudantes pesquisados concordam parcialmente ou totalmente. A Tabela 3 (em anexo) apresenta as frequências absolutas e relativas das respostas dos estudantes de medicina pesquisados segundo a Instituição para o questionário tipo *Likert*.

Foi calculado o valor do alpha de cronbach para medir a consistência interna ou homogeneidade das sentenças (itens) do questionário tipo *Likert* e o valor encontrado foi de 0,7.

Na análise dos planos de ensino das instituições pesquisadas, observou-se que as três instituições tinham estrutura curricular modular. Eixos temáticos de ética estavam presentes nas três instituições. A instituição 3 apresentou um eixo de desenvolvimento profissional. Quanto à metodologia de ensino-aprendizagem a instituição 1 utiliza a Aprendizagem Baseada em Problemas e as instituições 2 e 3 utilizam metodologia que propõe utilização progressiva da Problematização. Módulos específicos que abordam ética e profissionalismo estavam presentes em sete dos doze semestres avaliados nas instituições 1 e 2. A instituição 3 aborda ética e profissionalismo em 6 semestres, além da abordagem de temas éticos durante o internato. Nessa instituição, nos dois últimos anos do curso, são realizados seminários de bioética, júris simulados, grupo Balint e outras atividades similares para discussão de situações problema e assuntos relacionados à prática e ética médica.

Em relação às horas destinadas para os módulos de abordagem de ética e profissionalismo foi observado que para a instituição de ensino 1 a carga horária destinada a módulos de ética foi de 180 horas, já a carga horária dos módulos que abordaram profissionalismo foi de 80 horas. Na instituição de ensino 2, 408 horas foram destinadas para módulos de ética e 144h destinadas a módulos que abordaram o profissionalismo. Já na instituição de ensino 3 o tempo destinado para abordagem de módulos de ética foi de 240 horas e aqueles que abordaram profissionalismo tiveram juntos carga horária de 285 horas.

Nenhuma das instituições apresentou o termo “profissionalismo on-line” nos planos de ensino, embora todas elas apresentassem a necessidade de adaptação do médico frente às tecnologias emergentes. A instituição 1 foi a única cujo plano de ensino apresentava a expressão “mídias sociais e digitais” e o treinamento de mídia como um objetivo de aprendizagem.

IV. DISCUSSÃO

Torna-se interessante observar que 95,8% (249) dos estudantes que participaram do estudo relataram ter configurações de privacidade ativadas. Isso impede que pessoas não adicionadas ao seu perfil tenham acesso a muitas das informações pessoais postadas. Apesar disso, cerca de 41,5% (108) afirmou ter postado fotos ou vídeos nos quais há o consumo de bebidas alcoólicas ou cigarro.

Sobre a pergunta “Já postou fotos/vídeos com pacientes?” houve diferença estatisticamente significativa ($p < 0,001$) entre as instituições de ensino pesquisadas, de forma que se observa percentual de 43,0% (37) e 38,9% (35) nas instituições 1 e 2, respectivamente, e 14,3% (12) de respostas afirmativas entre os estudantes da instituição 1. Ao relacionar esse dado com a resposta à variável: “Durante o curso de graduação em Medicina, já teve aula ou tutoria que tenha abordado questões de ética e profissionalismo on-line?” observa-se que para a instituição 3, onde o menor número de estudantes relatou ter postado fotos ou vídeos com pacientes, um maior número de estudantes afirmou terem sido abordadas questões de profissionalismo on-line na formação acadêmica (26,2%, ou 22 estudantes).

No cruzamento entre as variáveis supracitadas foi observada relação de tendência inversa entre as respostas dos estudantes da mesma instituição, como mostra a Tabela 4 (em anexo). Dessa forma, foram obtidos valores de p estatisticamente significativos na comparação entre as duas variáveis para as instituições 1 e 2 ($p < 0,001$). Na instituição 1 onde 43% (37) postaram fotos ou vídeos com pacientes 18,6% (16) relataram aula ou tutoria que tenha abordado questões de profissionalismo on-line. Na instituição 2 percentual ainda menor relatou essa abordagem durante o curso de graduação (13,3% ou 12 participantes) e 38,9% relataram a postagem de fotos ou vídeos com pacientes. A Tabela 4 (em anexo) apresenta a relação entre a postagem de fotos ou vídeos com pacientes e a abordagem de questões sobre profissionalismo on-line entre os estudantes de medicina pesquisados, segundo a instituição de ensino.

Do total de estudantes pesquisados 19,2% (50 participantes) relataram questões de profissionalismo on-line abordadas durante o curso de graduação em medicina através de aula ou tutoria.

Estudo semelhante foi realizado em 2014 com 336 estudantes da Universidade Federal da Bahia. Dentre os pesquisados 13,5% (45) afirmaram ter discussões em aulas na escola médica sobre profissionalismo on-line. Apesar dessa porcentagem de estudantes terem referido o ensino do profissionalismo on-line, esse tópico não estava incluso nos planos de ensino do curso no momento da coleta de dados, o que levou os autores a supor que discussões foram realizadas apenas com alguns grupos de estudantes baianos.²¹ Isso ocorre da mesma forma no presente estudo, já que não foi observada a utilização do termo “profissionalismo on-line” em nenhum dos planos de ensino das instituições pesquisadas. Além disso, diante da divergência de respostas neste estudo entre os estudantes da mesma instituição é provável que apenas alguns grupos dos estudantes tiveram oportunidade de discutir esse tema, já que ele não é formalmente incluído nos planos de ensino.

Em relação à opinião dos estudantes sobre o impacto de postagens na reputação do médico, no presente estudo o Ranking-médio para a sentença “Certos conteúdos do perfil pessoal do Facebook do médico podem difamar a reputação do mesmo” foi de 3,8 com 79,2% (106) estudantes que concordam parcialmente ou totalmente com essa sentença. No estudo

Pesquisador Principal: Suélem Barros de Lorena

Endereço: R. Jean Emile Favre, 422 - Imbiribeira, Recife - PE, 51200-060

E-mail: suelem.barros@fps.edu.br

realizado na Universidade Federal da Bahia (2014), 43% (em média 144 estudantes) concordaram parcialmente ou totalmente com o impacto de postagens na carreira médica.²¹

A sentença 9 do questionário tipo Likert: “A postagem de conteúdos informativos referentes à saúde no perfil do Facebook pode incentivar o paciente a ter hábitos saudáveis e/ou aderência a boas práticas” obteve ranking médio de 4,2, de forma que a maioria dos estudantes concorda com essa prática, com 89,6% (233) que responderam concordar parcialmente ou totalmente.

Apesar do valor do alpha de cronbach ter sido 0,7, o que não valoriza tanto a validade interna do questionário de Likert, pode-se observar que as sentenças do questionário puderam, de forma separada, apresentar um perfil de opiniões sobre utilização de redes sociais por médicos. Assim, isso se torna valioso na medida em que, a partir dos resultados apresentados, intervenções podem ser planejadas para intervir na ética e profissionalismo dos estudantes.

Em relação à prática de postagem de conteúdos informativos para pacientes, há relatos na literatura de muitos profissionais médicos que encaram e utilizam as redes como um recurso aliado, através da postagem de conteúdos informativos sobre saúde. Apesar da aparente ameaça do uso das Redes Sociais em relação à ética e ao profissionalismo on-line, a criação de blogs médicos, sites informativos e perfis sobre saúde tem boa repercussão nas mídias e atraem muitos pacientes.⁴ Esse recurso é, até o momento, permitido por Resoluções do Conselho Federal de Medicina no Brasil. O Artigo 8º da Resolução de nº 1.974/2011 expõe que o médico pode usar qualquer meio de comunicação para leigos no intuito de prestar informações, dar entrevistas e publicar sobre assuntos médicos para fins estritamente educativos.⁸

Nesse sentido, é válido ressaltar que o médico deve lembrar sempre que, apesar dessas condutas serem permitidas no país o profissional deve ter cautela ao selecionar as postagens e evitar sua autopromoção ou sensacionalismo, de forma a preservar o decoro da profissão, como orienta a Resolução supracitada.⁸

O Código de Ética Médica e as Resoluções 1.974 de 2011, 2.126 de 2015 e a 2.133 de 2015 do Conselho Federal de Medicina abordam questões sobre sigilo de pacientes e alguns critérios para participação de médicos nas redes sociais.^{5,8,9,10} Mas alguns aspectos ainda não foram abordados e à medida que as redes sociais se expandem em sua abrangência, surgem novas demandas de orientações de comportamento nessas redes. Quanto à separação de perfis na rede social em um perfil pessoal e outro profissional e quanto a questões sobre configurações de privacidade, por exemplo, ainda não foi publicada recomendação oficial no Brasil. No presente estudo, 13,1% (34) dos estudantes concordam parcialmente ou totalmente que os médicos deveriam ter um perfil pessoal e outro perfil profissional no Facebook. Quanto à atualização regular de configurações de privacidade na rede social 43,1% (112) concordam parcialmente ou totalmente com essa prática.

A Associação Médica Americana, Australiana, Britânica, entre outras organizações médicas internacionais já publicaram orientações oficiais de uso das redes sociais que abordam as questões supracitadas: sobre separação de perfil pessoal do profissional e configurações de privacidade. Há a recomendação, pela maioria desses Guidelines publicados, sobre a separação de perfil pessoal e profissional. Quanto às configurações de privacidade, segundos os

Pesquisador Principal: Suélem Barros de Lorena
Endereço: R. Jean Emile Favre, 422 - Imbiribeira, Recife - PE, 51200-060
E-mail: suelem.barros@fps.edu.br

Guidelines publicados por esses órgãos, os médicos devem usá-las para proteger as informações pessoais e o conteúdo na medida do possível, mas devem perceber que as configurações de privacidade não são absolutas e que, uma vez na internet, o conteúdo provavelmente estará lá permanentemente. Assim, é recomendado que os médicos possam monitorar rotineiramente as suas próprias contas na Internet para garantir conteúdos apropriados.^{22,23,24}

Os médicos, nessas recomendações e Guidelines estrangeiros, são desencorajados de interagir com os pacientes atuais ou passados em sites de redes sociais pessoais, tais como Facebook. A questão do Cyber-bullying, ou seja, tratamento antiético por profissional em direção a qualquer indivíduo também é abordada como inadequada e antiprofissional.²⁴

Quanto à realidade brasileira, a abordagem do Código de Ética Médica nas escolas médicas, além das resoluções, é fundamental para a disseminação de valores éticos. Entretanto, nem sempre todos os estudantes leem o código na íntegra. Exemplo disso foi um estudo realizado com 93 estudantes de medicina do sexto ano de uma faculdade do interior do Estado de São Paulo. Como resultado foi constatado que 41,4% dos estudantes não leram o Código de Ética médica, apesar de estarem prestes a entrar no mercado de trabalho. Além disso, nesse mesmo estudo, é sugerido que o motivo dos estudantes não terem lido o código seria porque eles talvez não teriam absorvido ou compreendido adequadamente a ética abordada na graduação.²⁵

Nesse sentido, podem ser necessárias novas estratégias de intervenção para ensino dos estudantes sobre ética e profissionalismo. Um relato de experiência realizado na Universidade Cidade de São Paulo, tendo como amostra estudantes de Medicina do primeiro ao quarto ano entre 2008 e 2011, mostrou através dos resultados provenientes do Programa de Integração em Saúde e Comunidade (Pisco) que o tópico “Ética na Formação Profissional e nas Relações” foi pouco abordado e não assimilado pelos estudantes, apesar da grande riqueza de recursos e situações-problema.²⁶

Como alternativa para uma formação mais abrangente, que possa ampliar a visão da ética e bioética, Gomes e colaboradores (2006) no artigo “O lugar da Ética e Bioética nos currículos de formação médica” defendem a importância de realizar uma abordagem multidisciplinar, com a inclusão, na formação médica, de docentes formados em Ciências Sociais e Ciências Humanas (como Filosofia, Psicologia e Letras).²⁷

Na análise dos planos de ensino das instituições pesquisadas e relacionando com as ações e opiniões dos estudantes do presente estudo, observou-se que para a instituição 3, onde há um eixo de desenvolvimento profissional e maior carga horária (285 horas) destinada a módulos que abordam o profissionalismo, houve ações mais éticas. Além disso, as opiniões dos estudantes da instituição 3 quanto a conteúdos do perfil pessoal do Facebook do médico que podem difamar a reputação do mesmo e quanto a postagem de conteúdos informativos referentes à saúde no perfil do Facebook foram mais semelhantes ao que é indicado como conduta pelos Guidelines e recomendações do exterior. A instituição 3 também é a única cujo plano de ensino aborda, no período do internato, assuntos relacionados à ética médica.

Pesquisa recente em uma Escola Médica do Canadá, na qual foi introduzido o ensino de profissionalismo on-line foi realizada posterior análise (um mês após a abordagem educacional on-line). Como resultado, os perfis do Facebook dos estudantes foram analisados

Pesquisador Principal: Suélem Barros de Lorena

Endereço: R. Jean Emile Favre, 422 - Imbiribeira, Recife - PE, 51200-060

E-mail: suelem.barros@fps.edu.br

e notou-se melhor comportamento on-line, bem como maior rigor em relação a configurações de privacidade. Dessa forma, em consonância com o presente estudo, pode-se concluir que é provável que a educação em profissionalismo seja fator determinante na resolução de problemas observados no uso de redes sociais por estudantes de medicina.²⁸

V. CONCLUSÃO

Apesar da vigência de recomendações do Código de Ética e Resoluções do Conselho Federal de Medicina brasileiro, bem como de *Guidelines* do exterior, a minoria dos estudantes afirmou ter o ensino de Profissionalismo on-line nas três escolas médicas pesquisadas. Percentual significativo deles tem comportamentos on-line contrários ao preconizado.

A presença, no plano de ensino, de maior carga horária destinada a módulos que abordam o profissionalismo pode determinar mais comportamentos éticos, bem como opiniões mais éticas, de acordo com o Conselho Federal de Medicina Brasileiro e *Guidelines* do exterior. Dessa forma, a interferência da educação médica na ética e profissionalismo on-line parece mudar ações e opiniões de estudantes de medicina.

Além da realização de mais estudos que envolvam os discentes e médicos brasileiros, sugere-se a construção, no Brasil, de *Guideline* médico para uso de redes sociais, voltado para a realidade cultural do país, e reforço da temática na educação médica para que sejam formados profissionais mais responsáveis e conscientes quanto às suas ações on-line e que saibam utilizar, de forma benéfica, as redes sociais. Ademais, na medida em que as novas tecnologias surgem é necessária a atualização dos planos de ensino dos cursos de medicina, no sentido de preparar os estudantes para as mudanças emergentes.

A parceria entre as escolas médicas com os conselhos regionais de medicina também se apresenta como alternativa válida para a maior instrução dos estudantes e estímulo à busca de informações sobre ética e bioética. Cursos com júri-simulado e atualizações estreitariam a relação entre o conselho e os estudantes, além de abrir possibilidade para o esclarecimento de dúvidas que surgirem na real prática médica.

VI. REFERÊNCIAS

- 1) Kacvinsky L, Moreno M. Facebook Use between College Resident Advisors' and Their Residents: A Mixed Methods Approach. *College Student Journal* [Internet]. (2014, 2014 Spring), [Agosto de 2016]; 48(1): 16-22. Disponível em: <http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=mnh&AN=25419017&lang=pt-br&site=ehost-live>.
- 2) Oliveira JF. The effect of the internet on the patient-doctor relationship in a hospital in the city of São Paulo. *JISTEM - Journal of Information Systems and Technology Management* [Internet] (2014), [Agosto de 2016]; 11(2), 327-344. Disponível em:

Pesquisador Principal: Suélem Barros de Lorena

Endereço: R. Jean Emile Favre, 422 - Imbiribeira, Recife - PE, 51200-060

E-mail: suelem.barros@fps.edu.br

- <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-17752014000200327&lng=en&nrm=iso>.
- 3) Ubink-Veltmaat LJ, Damoiseaux RA, Rischen RO, Groenier KH. Please, let my doctor be obese: associations between the characteristics of general practitioners and their patients with type 2 diabetes [Letter]. *Diabetes Care*. 2004;27: 2560.
 - 4) Shafer, E. Social media and physicians: A good pair, but guidelines for use needed. (Cover story). *Hematology/Oncology Today*. Estados Unidos, p. 1-14, 2010.
 - 5) Brasil. Conselho Federal de Medicina. Código de Ética Médica. 4.ed. Brasília: Distrito Federal, 2010.
 - 6) Birden H, Glass N, Wilson I, Harrison M, Usherwood T, Nass D. Defining professionalism in medical education: A systematic review. *Medical Teacher*. 2014;36:47–61.
 - 7) Cooke M, Irby DM, Sullivan W, Ludmerer KM. American Medical Education 100 Years after the Flexner Report. *N Engl J Med*. 2006;355(13):1339–44.
 - 8) Brasil. Resolução CFM Nº 1.974/2011. Conselho Federal de Medicina. Estabelece os critérios norteadores da propaganda em Medicina, conceituando os anúncios, a divulgação de assuntos médicos, o sensacionalismo, a autopromoção e as proibições referentes à matéria. *Diário Oficial da União*. Agosto 2011. Seção I, p. 241-244.
 - 9) Brasil. Resolução CFM Nº CFM nº 2.126/2015. Conselho Federal de Medicina. Altera as alíneas “c” e “f” do art. 3º, o art. 13 e o anexo II da Resolução CFM nº 1.974/11, que estabelece os critérios norteadores da propaganda em Medicina, conceituando os anúncios, a divulgação de assuntos médicos, o sensacionalismo, a autopromoção e as proibições referentes à matéria. *Diário Oficial da União*. Outubro de 2015. Seção I, p. 131.
 - 10) Brasil. Resolução CFM Nº 2.133/2015. Conselho Federal de Medicina. Altera o texto do Anexo I – Critérios para a relação dos médicos com a imprensa (programas de TV e rádio, jornais, revistas), no uso das redes sociais e na participação em eventos (congressos, conferências, fóruns, seminários etc.) da Resolução CFM nº 1.974/11. 19 dezembro, 2015. Seção I, p. 248.
 - 11) Mayer M, Leis A, Mayer A, Rodriguez-Gonzalez A. How medical doctors and students should use Social Media: a review of the main guidelines for proposing practical recommendations. *Studies In Health Technology And Informatics* [Internet]. (2012), [Agosto 23, 2016]; 180853-857. Disponível em: <http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=mnh&AN=22874313&lang=pt-br&site=ehost-live>.
 - 12) Chretien K, Greysen S, Chretien J, Kind T. Online posting of unprofessional content by medical students. *Jama* [serial on the Internet]. (2009, Sep 23), [cited August 23, 2016]; 302(12): 1309-1315. Disponível em <http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=mnh&AN=19773566&lang=pt-br&site=ehost-live>.
 - 13) Thompson LA, Black E, Duff WP, Black NP, Saliba H, Dawson K. Protected Health Information on Social Networking Sites: Ethical and Legal Considerations. *J Med Internet Res*. 2011; 13: 8.
 - 14) Lagu T, Kaufman E, Asch D, Armstrong K. Content of weblogs written by health professionals. *Journal Of General Internal Medicine* [Internet]. (2008, Outubro), [visto em August 22, 2016]; 23(10): 1642-1646. Available from:

Pesquisador Principal: Suélem Barros de Lorena

Endereço: R. Jean Emile Favre, 422 - Imbiribeira, Recife - PE, 51200-060

E-mail: suelem.barros@fps.edu.br

- <http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=mnh&AN=18649110&lang=pt-br&site=ehost-live>
- 15) Rocha P, de Castro N. Opinions of students from a Brazilian medical school regarding online professionalism. *Journal Of General Internal Medicine* [serial on the Internet]. (2014, May), [cited August 23, 2016]; 29(5): 758-764. Disponível em: <http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=mnh&AN=24395103&lang=pt-br&site=ehost-live>.
 - 16) Godoy MF, Ferreira HRA, Pria OAFD. Avaliação do conhecimento da ética médica dos graduandos de medicina. *Rev Bras Educ Med* [on line]. 2014. 38(1) [capturado 04 jul. 2016]; 31-37. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbem/v38n1/05>
 - 17) Walji M, Stanbrook M. Health professionalism must be ensured online and offline. *CMAJ: Canadian Medical Association Journal = Journal De L'association Medicale Canadienne* [on line]. (2015), [capturado Agosto. 2016]; 187(8): 547. Disponível em: <http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=mnh&AN=25852035&lang=pt-br&site=ehost-live>.
 - 18) Ellaway R, Coral J, Topps D, Topps M. Exploring digital professionalism. *Medical Teacher* [on line]. (2015), [capturado em agosto. 2016]; 37(9): 844-849. Disponível em: <http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=mnh&AN=26030375&lang=pt-br&site=ehost-live>.
 - 19) Kaczmarczyk J, Chuang A, Dugoff L, Abbott J, Cullimore A, Casey P, et al. e-Professionalism: a new frontier in medical education. *Teaching And Learning In Medicine* [on line]. (2013), [capturado em Agosto. 2016]; 25(2): 165-170. Disponível em: <http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=mnh&AN=23530680&lang=pt-br&site=ehost-live>
 - 20) Lie D, Trial J, Schaff P, Wallace R, Elliott D. "Being the best we can be": medical students' reflections on physician responsibility in the social media era. *Academic Medicine: Journal Of The Association Of American Medical Colleges* [on line]. (2013, Fev), [capturado em Agosto. 2016]; 88(2): 240-245. Disponível em: <http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=mnh&AN=23269290&lang=pt-br&site=ehost-live>
 - 21) Mohiuddin Z, Shahid H, Shuaib W. Social Media Impact: Utility of Reflective Approach in the Practice of Surgery. *The Indian Journal Of Surgery* [on line]. (2015, Dez), [capturado em Agosto. 2016]; 77(Suppl 3): 893-898. Disponível em: <http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=mnh&AN=27011477&lang=pt-br&site=ehost-live>.
 - 22) Shore R, Halsey J, Shah K, Crigger B, Douglas S. Report of the AMA Council on Ethical and Judicial Affairs: professionalism in the use of social media. *The Journal Of Clinical Ethics* [on line]. (2011) [capturado em Agosto. 2016]; 22(2): 165-172. Disponível em: <http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=mnh&AN=21837888&lang=pt-br&site=ehost-live>
 - 23) Mansfield S, Morrison S, Stephens H, Bonning M, Wang S, Perry A, et al. Social media and the medical profession. *The Medical Journal Of Australia* [on line]. (2011, Junho), [capturado em Agosto. 2016]; 194(12): 642-644. Disponível em:

Pesquisador Principal: Suélem Barros de Lorena

Endereço: R. Jean Emile Favre, 422 - Imbiribeira, Recife - PE, 51200-060

E-mail: suelem.barros@fps.edu.br

- <http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=mnh&AN=21692723&lang=pt-br&site=ehost-live>.
- 24) Cork N, Grant P. Blurred lines: the General Medical Council guidance on doctors and social media . Clinical Medicine (London, England) [on line]. (2016, Jun), [capturado em Agosto 2016]; 16(3): 219-222. Disponível em:
<http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=mnh&AN=27251909&lang=pt-br&site=ehost-live>
- 25) Camargo A, Almeida MAS, Morita I. Ética e bioética: o que os alunos do sexto ano médico têm a dizer. Rev bras educ med [on line].2014. 38(2) [capturado Agosto. 2016]; 182-189. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022014000200004&lng=en&nrm=iso
- 26) Restom, AG et al. Representação Social das Vivências de Estudantes no Curso de Medicina. Rev bras educ med [on line] 2015. 39 (3) [capturado Agosto. 2016]; 370-377. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022015000300370
- 27) Gomes AMA, Moura ERF, Amorim RF. O lugar da ética e bioética nos currículos de formação médica. Rev bras educ med [on line]. (2006) 30 (2) [capturado em Agosto.2016]; 56-65. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022006000200008&lng=en&nrm=iso
- 28) Walton J, White J, Ross S. What's on YOUR Facebook profile? Evaluation of an educational intervention to promote appropriate use of privacy settings by medical students on social networking sites. Medical Education Online [on line]. (2015), [capturado em Agosto. 2016]; 2028708. Disponível em:
<http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=mnh&AN=26198434&lang=pt-br&site=ehost-live>

VII. ANEXO- Tabelas

TABELA 1- Respostas dos estudantes de medicina segundo as Instituições de ensino pesquisadas quanto a questões referentes a ações on-line em rede social e questões referentes a abordagens na formação acadêmica em profissionalismo on-line- Dados coletados em hospitais de ensino de três escolas médicas em Recife-Pernambuco entre setembro de 2015 a janeiro de 2016

Instituições de ensino

Pesquisador Principal: Suélem Barros de Lorena
Endereço: R. Jean Emile Favre, 422 - Imbiribeira, Recife - PE, 51200-060
E-mail: suelem.barros@fps.edu.br

Variáveis	Instituição 1		Instituição 2		Instituição 3		Grupo Total		Valor de p
	N	%	N	%	N	%	N	%	
1-Tem configurações de privacidade ativadas no seu perfil do Facebook?									
Sim	82	95,3	88	97,8	79	94,0	249	95,8	p ⁽¹⁾ = 0,435
TOTAL	86	100,0	90	100,0	84	100,0	260	100,0	
2-Já postou fotos/vídeos nas quais consome bebidas alcoólicas ou cigarro?									
Sim	39	45,3	39	43,3	30	35,7	108	41,5	p ⁽²⁾ = 0,405
TOTAL	86	100,0	90	100,0	84	100,0	260	100,0	
3-Já postou fotos/vídeos com pacientes?									
Sim	37	43,0	35	38,9	12	14,3	84	32,3	p ⁽²⁾ < 0,001*
TOTAL	86	100,0	90	100,0	84	100,0	260	100,0	
4-Durante o curso de graduação em Medicina, já teve aula ou tutoria que tenha abordado questões de profissionalismo on-line?									
Sim	16	18,6	12	13,3	22	26,2	50	19,2	p ⁽²⁾ = 0,097
TOTAL	86	100,0	90	100,0	84	100,0	260	100,0	

(*): Diferença significativa ao nível de 5,0%.

(1): Através do teste Exato de Fisher.

(2): Através do teste Qui-quadrado de Pearson.

Para sumarizar os resultados suprimimos os valores absolutos e relativos das respostas “não”, diante da menor pertinência desses resultados

TABELA 2- Ranking-médio das respostas dos 260 estudantes de medicina participantes do estudo para sentenças em um questionário tipo *Likert de 5* possibilidades de resposta; discordo totalmente, discordo, sem opinião, concordo e concordo totalmente- Dados coletados em hospitais de ensino de três escolas médicas em Recife-Pernambuco entre setembro de 2015 a janeiro de 2016

Sentenças	Ranking-médio
1 Os médicos não devem ter uma conta no Facebook	1,2

Pesquisador Principal: Suélem Barros de Lorena

Endereço: R. Jean Emile Favre, 422 - Imbiribeira, Recife - PE, 51200-060

E-mail: suelem.barros@fps.edu.br

2	Os médicos deveriam permitir acesso ao seu perfil apenas para amigos	2,8
3	A relação médico-paciente muda se o paciente descobrir que seu médico tem uma conta no Facebook	2,3
4	Apenas o acesso às informações pessoais do médico pelos pacientes muda a relação entre eles	2,6
5	Apenas o acesso a fotos pessoais do médico pelos pacientes muda a relação entre eles	2,5
6	Os médicos deveriam ter um perfil pessoal e outro perfil profissional no Facebook	2,2
7	Os médicos devem atualizar regularmente suas configurações de privacidade	3,1
8	Certos conteúdos do perfil pessoal do Facebook do médico podem difamar a reputação do mesmo	3,8
9	A postagem de conteúdos informativos referentes à saúde no perfil do Facebook pode incentivar o paciente a ter hábitos saudáveis e/ou aderência a boas práticas	4,2

TABELA 3- Frequências absolutas e relativas das respostas dos estudantes de medicina pesquisados segundo a Instituição para o questionário tipo *Likert*- Dados coletados em hospitais de ensino de três escolas médicas em Recife-Pernambuco entre setembro de 2015 a janeiro de 2016

Variável	Instituição de ensino						Grupo Total	Valor de p
	Instituição 1		Instituição 2		Instituição 3			
	n	%	n	%	n	%	n	%
TOTAL	86	100,0	90	100,0	84	100,0	260	100,0
1-Os médicos não devem ter uma conta no Facebook								
Discorda totalmente / Discorda	84	97,7	88	97,8	82	97,6	254	97,7

Pesquisador Principal: Suélem Barros de Lorena
 Endereço: R. Jean Emile Favre, 422 - Imbiribeira, Recife - PE, 51200-060
 E-mail: suelem.barros@fps.edu.br

Nem discorda, nem concorda	-	-	1	1,1	1	1,2	2	0,8	
Concorda totalmente / Concorda	2	2,3	1	1,1	1	1,2	4	1,5	
2-Os médicos deveriam permitir acesso ao seu perfil apenas para amigos									
Discorda totalmente / Discorda	39	45,3	39	43,3	38	45,2	116	44,6	p ⁽¹⁾ = 0,747
Nem discorda, nem concorda	13	15,1	22	24,4	19	22,6	54	20,8	
Concorda totalmente / Concorda	34	39,5	29	32,2	27	32,1	90	34,6	
3-A relação médico-paciente muda se o paciente descobrir que seu médico tem uma conta no Facebook									
Discorda totalmente / Discorda	57	66,3	61	67,8	55	65,5	173	66,5	p ⁽¹⁾ = 0,419
Nem discorda, nem concorda	13	15,1	16	17,8	10	11,9	39	15,0	
Concorda totalmente / Concorda	16	18,6	13	14,4	19	22,6	48	18,5	
4-Apenas o acesso às informações pessoais do médico pelos pacientes muda a relação entre eles									
Discorda totalmente / Discorda	44	51,2	52	57,8	47	56,0	143	55,0	p ⁽¹⁾ = 0,642
Nem discorda, nem concorda	19	22,1	16	17,8	15	17,9	50	19,2	
Concorda totalmente / Concorda	23	26,7	22	24,4	22	26,2	67	25,8	
5-Apenas o acesso a fotos pessoais do médico pelos pacientes muda a relação entre eles									
Discorda totalmente / Discorda	49	57,0	58	64,4	51	60,7	158	60,8	p ⁽¹⁾ = 0,646
Nem discorda, nem concorda	15	17,4	13	14,4	11	13,1	39	15,0	
Concorda totalmente / Concorda	22	25,6	19	21,1	22	26,2	63	24,2	
6-Os médicos deveriam ter um perfil pessoal e outro perfil profissional no Facebook									
Discorda totalmente / Discorda	62	72,1	55	61,1	55	65,5	172	66,2	p ⁽¹⁾ = 0,623
Nem discorda, nem concorda	17	19,8	20	22,2	17	20,2	54	20,8	
Concorda totalmente / Concorda	7	8,1	15	16,7	12	14,3	34	13,1	
7-Os médicos devem atualizar regularmente suas configurações de privacidade									
Discorda totalmente / Discorda	32	37,2	24	26,7	24	28,6	80	30,8	p ⁽¹⁾ = 0,569
Nem discorda, nem concorda	18	20,9	24	26,7	26	31,0	68	26,2	
Concorda totalmente / Concorda	36	41,9	42	46,7	34	40,5	112	43,1	
8-Certos conteúdos do perfil pessoal do Facebook do médico podem difamar a reputação do mesmo									
Discorda totalmente / Discorda	15	17,4	11	12,2	5	6,0	31	11,9	p ⁽¹⁾ = 0,342
Nem discorda, nem concorda	10	11,6	6	6,7	7	8,3	23	8,8	
Concorda totalmente / Concorda	61	70,9	73	81,1	72	85,7	206	79,2	
9-A postagem de conteúdos informativos referentes à saúde no perfil do Facebook pode incentivar o paciente a ter hábitos saudáveis e/ou aderência a boas práticas									
Discorda totalmente / Discorda	8	9,3	2	2,2	-	-	10	3,8	p ⁽¹⁾ = 0,003*
Nem discorda, nem concorda	6	7,0	5	5,6	6	7,1	17	6,5	
Concorda totalmente / Concorda	72	83,7	83	92,2	78	92,9	233	89,6	

(1): Através do teste Kruskal-Wallis.

TABELA 4- Relação entre a postagem de fotos ou vídeos com pacientes e a abordagem de questões sobre profissionalismo on-line entre os estudantes de medicina pesquisados, segundo a

Pesquisador Principal: Suélem Barros de Lorena

Endereço: R. Jean Emile Favre, 422 - Imbiribeira, Recife - PE, 51200-060

E-mail: suelem.barros@fps.edu.br

instituição de ensino- Dados coletados em hospitais de ensino de três escolas médicas em Recife- Pernambuco entre setembro de 2015 a janeiro de 2016

Instituição	Já postou fotos/vídeos com pacientes?		Durante o curso de graduação em Medicina já teve aula ou tutoria que tenha abordado questões de profissionalismo on-line?		Valor de p ⁽¹⁾
	N	(%)	N	(%)	
Instituição 1	37	43	16	18,6	p<0,001
Instituição 2	35	38,9	12	13,3	p<0,001
Instituição 3	12	14,3	22	26,2	p=0,068

(1) Obtido pelo teste de McNemar

Normas utilizadas:

Revista Brasileira de Educação Médica

ISSN 1981-5271 online version

<http://www.scielo.br/revistas/rbem/pinstruc.htm>

Pesquisador Principal: Suélem Barros de Lorena

Endereço: R. Jean Emile Favre, 422 - Imbiribeira, Recife - PE, 51200-060

E-mail: suelem.barros@fps.edu.br